



A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E DE CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS NO ENSINO FUNDAMENTAL

CORREA JUNIOR, Daniel Santos¹, PANDA, Maria Denise Justo², PERANZONI, Vaneza Cauduro³

RESUMO:

A inclusão social é um tema que vem sendo amplamente abordado e esta pesquisa pode trazer uma contribuição para a área da educação, produzindo novos conhecimentos a respeito das aulas de Educação Física e a inclusão dos alunos com necessidades especiais em uma escola regular. Esta pesquisa é um estudo de caso, que tem como objetivo analisar o processo de inclusão de um aluno com deficiência física na aula de Educação Física e em que a mesma contribuiu na construção de aprendizagens desse aluno do Ensino Fundamental. O sujeito deste estudo é um aluno com deficiência física, mobilidade reduzida e com movimentos involuntários do braço direito, incluído no terceiro ano dos anos iniciais da escola Estadual de Ensino Médio Venina Palma de Palmeira das Missões/RS. Como instrumento foi utilizado um diário de campo onde foram anotadas informações referentes aos indicadores, perfil do aluno, histórico escolar, processo de inclusão, dificuldades encontradas, atendimento especial, processo de aprendizagens, participação nas aulas de educação física. Como fonte de informações foi feito a leitura do PPP – Projeto Político Pedagógico da escola e foram investigadas a professora da turma de sala de aula e de educação física, também foram observadas oito aulas de educação física, uma por semana, durante dois meses. As informações foram interpretadas através da análise do conteúdo do diário de campo. O estudo foi realizado dentro dos padrões éticos e participará do mesmo um aluno com deficiência física onde os pais assinaram a autorização para que o menino participe deste estudo, ou seja, o termo de consentimento livre e esclarecido. O aluno em estudo tem uma história positiva de inclusão no ensino regular, após algumas dificuldades o processo evoluiu devido a aspectos que devem ser evidenciados, como a atenção da escola em relação às dificuldades que iam se apresentando e o atendimento especial propiciado, mas principalmente o trabalho da professora que estuda a questão da inclusão e está em constante formação continuada, bem como a recepção dos colegas e o acolhimento recebido pelo aluno fortalecendo a sua capacidade de relacionar-se bem, superando o medo inicial. A educação física está auxiliando também em suas aprendizagens. O desenvolvimento da coordenação motora auxiliou na melhora da letra, ele desenvolveu a atenção, o equilíbrio, a noção de espaço, raciocínio lógico, aptidões essenciais na construção da leitura e da escrita, da construção e da noção de número e quantidades. Vem conquistando gradativamente sua autonomia e independência na realização de atividades que antes necessitava de auxílio.

Palavras chaves: Deficiência física, ensino regular, inclusão.

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física da UNICRUZ. dsc_junior@hotmail.com

² Dr. em Ciência da Educação. Prof. do Curso de Educação Física/UNICRUZ. dpanda@ibest.com.br
³Doutoranda em Educação. Prof. Curso de Pedagogia/UNICRUZ vaneza.cauduro@terra.com.br



INTRODUÇÃO

Para muitos que frequentaram os bancos escolares, as aulas de Educação Física tornaram-se lembranças marcantes: para alguns uma experiência prazerosa, de sucesso; já para outros, uma lembrança triste, sensação de incompetência, falta de jeito, medo de errar.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, BRASIL, 1997), a educação física escolar tem hoje uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica dessa disciplina procurando incorporar as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. A história do ser humano é uma história de cultura. Todo e qualquer indivíduo nasce num contexto cultural e tudo o que se faz está inserido neste ambiente onde se produz e reproduz cultura, sendo esta, produto da sociedade, da coletividade à qual o indivíduo transcende.

A área da Educação Física contempla hoje, vários conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. As atividades de movimento são consideradas fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, pois elas têm o objetivo de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde e como construção de novas aprendizagens. Os PCNs (BRASIL, 1997) abordam os conteúdos de Educação Física, como conhecimento historicamente acumulado e socialmente transmitido, entre pessoas que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e cidadãos que se relacionam dentro de um contexto sociocultural e produzem conhecimentos.

Dentre as produções da cultura corporal segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) algumas atividades foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta que têm a representação corporal com características lúdicas e ressignificam a cultura corporal humana. Em seus temas transversais se apresentam a ética, a orientação sexual, as relações de gênero, o meio ambiente, trabalho e consumo e a diversidade cultural, sendo todos esses seis temas com enfoque na inclusão.

Segundo Montoan (2005) a inclusão, como processo social amplo, vem acontecendo em todo o mundo, fato que vem se efetivando a partir da década de



1990 em especial depois da promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDBEN (1996). A inclusão é a modificação da sociedade como pré-requisito para que pessoa com necessidades especiais possa buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania, é um processo amplo, com transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com deficiência, para promover uma sociedade que aceite e valorize as diferenças individuais, aprenda a conviver dentro da diversidade humana, através da compreensão e da cooperação. A inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. Na escola inclusiva professores e alunos aprendem uma lição que a vida dificilmente ensina: respeitar as diferenças. Esse é o primeiro passo para a construção de uma sociedade mais justa.

A educação física, em níveis variados e adaptados, podem ajudar pessoas com necessidades especiais a adquirir não só maior mobilidade como também, resgatar sua autoestima, seu equilíbrio emocional. Mesmo deficientes físicos com mobilidade reduzida podem praticar esportes, sob a tutela de profissionais qualificados e habilitados.

Levando em consideração o que foi exposto, este estudo tem como objetivo: analisar o processo de inclusão de um aluno com deficiência física na aula de Educação Física e em que a mesma contribuiu na construção de aprendizagens desse aluno do Ensino Fundamental.

A inclusão social é um tema que vem sendo amplamente abordado e esta pesquisa pode trazer uma contribuição para a área da educação, produzindo novos conhecimentos a respeito das aulas de Educação Física e a inclusão dos alunos com necessidades especiais em uma escola regular.

REVISÃO DE LITERATURA

O Referencial Curricular Nacional para a educação física infantil coloca que os jogos sempre fascinaram a humanidade, além de divertir crianças e adolescentes, trabalham noções de organização, planejamento e cooperação. Jogos e brincadeiras propiciam a ampliação dos conhecimentos por meio de atividades lúdicas e devem ser vistas como algo sério, remetem a ideia de movimento, ensinam a criança e o adolescente a aceitar a derrota e a vibrar com a vitória, empolgam e



divertem, promovem a socialização e desenvolvem a afetividade, e ainda contribuem para a construção das aprendizagens dentro da sala de aula. (PCNs, BRASI, 1997)

Segundo FERREIRA (2006), Educação Física é mais do que jogar bola. Além de ensinar esportes, dança e psicomotricidade pode trabalhar o resgate da cultura brasileira, o respeito à ética e as regras além do desenvolvimento emocional da turma através do trabalho em grupo e do movimento corporal. A Educação Física leva a criança a pensar em estratégias para determinar o que tem de fazer para vencer determinado obstáculo, o que estimula o desenvolvimento do raciocínio lógico e faz com que pensem como usar o corpo de forma mais eficiente. Antes de colocar os alunos na quadra ou no campo é importante planejar aulas onde todos participem. É parte da aprendizagem, elaborar regras. Sendo assim, a Educação Física é confirmada como uma área do conhecimento com uma imensa gama de cultura corporal e não um espaço para o simples exercício de aptidões físicas que podem excluir os menos favorecidos (POLATO e RATIER, 2009)

Essas ideias estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais desde 1997, mas somente agora começam a se disseminar pelo país produzindo avanços na maneira de trabalhar a disciplina ajudando acabar com mitos, como o de que apenas alguns alunos, "mais dotados do que outros" conseguem tirar proveito das aulas. Essa abordagem parte do princípio de que temos conhecimentos acumulados historicamente e que precisam ser transmitidos para as novas gerações por meio da escola, conforme NEIRA E NUNES(2009)

Segundo Levin (2005), os movimentos corporais, ajudam o aluno a aprender. O corpo e os gestos são fundamentais para a formação geral do ser humano. Desde que nasce a criança usa a linguagem corporal para conhecer a si mesma, relacionar-se com os outros, movimentar e descobrir o mundo. Essas descobertas são aprendizagens efetivas. Durante os anos iniciais da escolarização a necessidade de movimentar-se é respeitada. A criança pode correr pular, brincar. Neste sentido, as aulas de educação física assumem importante papel. O professor deve prestar atenção no desenvolvimento psicomotor do aluno, e oferecer várias opções para a criança adquirir conhecimentos. O movimento, a atividade física torna-se um recurso eficiente de ensino e de aprendizagem. As crianças com necessidades especiais constroem a imagem do corpo como qualquer outra pessoa Podem ter dificuldades em usar o corpo, porém se tiverem consciência disso,



conseguem superá-las e aprender com as restrições. Deve-se conversar com a criança sobre suas limitações, e juntos, alunos e professor, criarem atividades inclusivas.

Sabemos da importância da atividade física praticada pela criança, para seu crescimento e desenvolvimento adequados. Estas atividades podem exercer influência positiva em relação a aspectos mentais e cognitivos e as atividades desportivas com caráter lúdico, podem ser a forma ideal destas atividades para criança se desenvolver. Os efeitos educativos das atividades esportivas dependem do contexto em que é praticada, nos aspectos de interação social, o clima afetivo-emocional e motivacional existentes, e a intervenção do educador. A concepção construtivista pressupõe estratégias de intervenção pedagógicas manifestadas através da interação entre educação intelectual e corporal e de um conceito de autoconstrução, ou seja, o processo de elaboração do conhecimento se dá a partir da participação e intervenção ativa do indivíduo em todas as atividades de aprendizagem. A complexidade do processo da construção do conhecimento exige que o professor exerça o papel de agente estimulador dessas relações de interação em que o indivíduo passa a ser um agente ativo, segundo VARGAS NETO(2011).

Segundo Mantoan (2003) o direito à educação é um direito humano natural, por isso devemos lutar por uma escola para todos, sem discriminações, sem ensino à parte para os mais e para os menos privilegiados. As escolas devem ser instituições abertas incondicionalmente a todos os alunos e, portanto, inclusivas. Devem ser ambientes humanos de convivência e de aprendizado, por isso a educação escolar não pode ser pensada e realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno, de acordo com suas capacidades, seus talentos, sendo assim, um ensino participativo, solidário, acolhedor. Uma escola para ser inclusiva, deve redefinir seu currículo e sua educação deve estar voltada para a cidadania, livre de preconceitos, que reconheça e valorize as diferenças. As escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e se estrutura em função dessas necessidades. Dessa forma, a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender, mas a todos os demais, para que obtenham sucesso ao longo de sua vida escolar, através do desenvolvimento cognitivo, social, motor, afetivo. O objetivo fundamental



da inclusão é permitir ao indivíduo com necessidades especiais o desenvolvimento máximo das suas aptidões intelectuais, escolares e sociais, originando, desse modo, a inclusão de todos os cidadãos na vida em comunidade.

Segundo Capellini (2010), a chegada de alunos com necessidades especiais nas escolas regulares é vista cada dia com naturalidade e acima de tudo como um direito de todos. Porém, a inclusão de fato é um dos maiores e mais complexos desafios de nossa época. Garantir a matrícula de uma criança com necessidades especiais no ensino regular é pré-requisito apenas para a conjunção do verbo incluir. Presença física é inserção e não necessariamente inclusão. Inclusão vai muito além da frequência em sala de aula do ensino regular. Pressupõe a remoção de barreiras para a aprendizagem e para a participação de todos, reconhecendo as diferenças individuais e as necessidades educacionais de cada um, pois nenhuma criança aprende e se desenvolve no mesmo ritmo que as outras.

A Educação Física deve incluir não apenas os gordinhos e baixinhos, mas também aqueles que têm algum tipo de deficiência, pois é papel da escola ensinar a conviver com as diferenças e trabalhar para a socialização. Incluir ajuda a desenvolver as capacidades afetivas, de integração e inserção social. A escola precisa adaptar as atividades às necessidades especiais do aluno possibilitando assim a sua participação. A perspectiva é atender a todos e ajudar a respeitar a multiculturalidade e a diversidade de práticas corporais (CAPELLINI, 2010).

Temos estudos com mais de dez anos enfatizando as colocações acima, entre eles estudiosos como Pedrinelli (1994), Bueno e Resa (1995), Duarte e Werner (1995), Sasaki (1997), Edler Carvalho (1998), são expoentes na análise de como a Educação Física possibilita ao aluno com necessidades especiais a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na busca de uma melhor adaptação. É unânime entre eles que é importante para o professor de Educação Física ter os conhecimentos essenciais a respeito de seus alunos, bem como conhecer aspectos e fases do desenvolvimento humano: adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada aluno com deficiência, respeitando suas diferenças individuais. Pode-se notar que se faz importante, dentro da Educação Física e do trabalho com pessoas com necessidades especiais, conhecer as características de cada deficiência e as implicações pedagógicas para o desenvolvimento das atividades motoras. É necessário que os professores de



Educação Física tenham uma ideia mais ampla do que seja movimento para valorizarmos cada passo obtido pelo aluno na consecução das atividades propostas e isso é inerente ao ser humano independente de ele apresentar necessidades especiais ou não.

Segundo Capellini (2010), no cotidiano escolar podem surgir preocupações na hora de incluir a criança com deficiência física nas atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Com as adaptações necessárias este aluno tem todas as possibilidades de ser incluído nesta atividade. Para isso, antes de iniciar um trabalho pedagógico, você deve conhecer as habilidades atuais e as potencialidades da criança do ponto de vista físico. Deve-se perceber o nível de movimentação de cada criança (e não só da criança com necessidade especial, já que todos possuem algum tipo de limitação) que se relacionam não só com as características da deficiência, mas também com a forma de locomoção (cadeiras de rodas, muletas, etc.). A partir desse panorama das possibilidades de cada criança, o educador deve auxiliar o aluno com necessidade especial a tomar consciência de seus movimentos na superação de desafios motores, trabalhando e ampliando, assim, sua agilidade. Ao propor um jogo de bola para uma turma onde estuda um aluno cadeirante, deve-se garantir que ele possa participar, atuando como um dos jogadores ou em outra função em que possa colaborar com o grupo. Deve-se dar a ele a oportunidade de desenvolver suas habilidades. Dessa forma todos ajudam, interagem, planejam e se tornam verdadeiros campeões.

A ideia de que o mundo é feito de diversidades tem sido cada vez mais difundida nas escolas brasileiras e a inclusão vem crescendo, com ênfase no Ensino Fundamental. Segundo dados do Censo Escolar, a frequência de alunos com necessidades especiais na rede regular cresceu de 13% de 1998 para 46,7% em 2006. Especialistas e professores defendem que os anos iniciais do Ensino Fundamental são a fase ideal para iniciar a inclusão. A base disto é a constituição de 1988, que garante o direito à escola. A ideia é reforçada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, segundo REIS (2007).

A Declaração de Salamanca, de 1994, relata a eficácia da inclusão em escolas comuns, (SALAMANCA, 1994).



Cavalcante (2005) reconhece esse direito e relata que o motivo principal de a criança estar na escola é que lá ela vai encontrar um espaço genuinamente democrático, onde partilha o conhecimento e as experiências com o diferente, tenha ele a estatura, o cabelo, a cor o corpo e o pensamento que tiver. Por isso, quem vive a inclusão, sabe que está participando de algo revolucionário, pertence a um grupo, é considerado, tem seus direitos fundamentais respeitados, colabora para formar adultos tolerantes, solidários e responsáveis pelos outros. A inclusão possibilita aos que são discriminados pela necessidade especial, cor, classe social que, por direito, ocupem seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer estas pessoas terão uma vida cidadã pela metade. Você não pode ter um lugar no mundo sem considerar o do outro. Uma escola inclusiva deve ter um projeto que valorize a cultura, a história e as experiências de cada um. Os alunos precisam de liberdade para aprender do seu modo, de acordo com suas condições. E isso vale para os alunos com deficiência ou não, vale para todas as atividades inclusive para as aulas de educação física.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é um estudo de caso, que tem como objetivo “investigar um fenômeno contemporâneo situado no contexto da vida real, em que as fronteiras entre o fenômeno estudado e o contexto não estão claramente demarcadas; assim o pesquisador usa fontes múltiplas de informações” (GAYA et al, 2008, p. 105). O sujeito deste estudo é um aluno com deficiência física, mobilidade reduzida e com movimentos involuntários do braço direito, incluído no terceiro ano dos anos iniciais da escola Estadual de Ensino Médio Venina Palma de Palmeira das Missões/RS. Como instrumento foi utilizado um diário de campo onde foram anotadas informações referentes aos indicadores, perfil do aluno, histórico escolar, processo de inclusão, dificuldades encontradas, atendimento especial, processo de aprendizagens, participação nas aulas de educação física. Como fonte de informações foi feito a leitura do PPP – Projeto Político Pedagógico da escola, foram investigadas a professora da turma de sala de aula e de educação física, e foram observadas oito aulas de educação física, uma por semana, durante dois meses. As informações foram interpretadas através da análise do conteúdo do diário de campo.



A análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdos das mensagens indicadores que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. Este tipo de análise pode ser aplicado a discursos diversificados. “Enquanto esforços de interpretação, a análise de conceitos oscila entre dois polos: do rigor da objetividade à fecundidade da subjetividade” (BARDIN 1988, p. 9).

O estudo foi realizado dentro dos padrões éticos e participará do mesmo um aluno com deficiência física onde os pais assinaram a autorização para que o menino participe deste estudo, ou seja, o termo de consentimento livre e esclarecido. Todos poderão se beneficiar deste projeto através da reflexão e análise sobre a educação física escolar e a inclusão dos alunos com necessidades especiais, o que poderá conduzir a comunidade escolar à um momento importante de prática docente reflexiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante alguns meses tivemos a oportunidade de visitar uma escola estadual no município de Palmeira das Missões, que tem em seu projeto Político Pedagógico uma proposta de Educação Inclusiva, uma turma de terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental onde se encontra incluído um aluno com necessidades especiais. Através da leitura do PPP ficou clara a proposta de inclusão na escola e estratégias bem definidas para a mesma.

Explicar e admitir a diversidade na proposta curricular e entender o significado que ela passa a ter no ensino, na medida em que se admitindo as desigualdades se caminha no sentido de supera-las, promovendo a partir dessa atitude uma educação igualitária. (PANDA, 2012)

O primeiro indicador se refere ao perfil do aluno e as informações foram obtidas com a professora. O aluno tem hoje 13 anos e apresenta mobilidade reduzida, na perna e no braço direito como consequência de um acidente vascular cerebral (AVC) ocorrido durante o parto. Apresenta ainda movimentos involuntários no braço direito. Apresenta também deficiência intelectual (mental), com dificuldades na leitura e na escrita bem como no raciocínio lógico-matemático.



Segundo Capellini (2010), no cotidiano escolar podem surgir preocupações na hora de incluir a criança com deficiência física nas atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Com as adaptações necessárias este aluno tem todas as possibilidades de ser incluído nesta atividade. Para isso, antes de iniciar um trabalho pedagógico, você deve conhecer as habilidades atuais e as potencialidades da criança do ponto de vista físico. Deve-se perceber o nível de movimentação de cada criança (e não só do deficiente, já que todos possuem algum tipo de limitação) que se relacionam não só com as características da deficiência, mas também com a forma de locomoção (cadeiras de rodas, muletas, etc.). A partir desse panorama das possibilidades de cada criança, o educador deve auxiliar o aluno com deficiência física a tomar consciência de seus movimentos na superação de desafios motores, trabalhando e ampliando, assim, sua agilidade.

Quanto ao seu histórico na escola frequentou a classe especial em escola regular, no início de sua escolarização. No ano seguinte a família (por decisão própria) o encaminhou para a escola especial, onde permaneceu por dois anos. No ano seguinte, retornou a escola regular, onde cursou o primeiro ano. Hoje frequenta o terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental em uma turma regular em escola regular.

Quanto ao seu processo de inclusão o aluno encontra-se bem incluído na escola, participa de todas as atividades, inclusive atividades de educação física. A socialização está bem construída.

Quanto às dificuldades, segundo a professora, no início do ano, apresentava alguns problemas de relacionamento com os colegas, brigava com os demais e por qualquer motivo chorava, acredita-se que estas atitudes aconteciam devido a fase de adaptação, pois sempre foi bem aceito e respeitado pela turma. Quando necessita de ajuda todos estão dispostos a ajudá-lo. Hoje, não tem mais os problemas que apresentou no início do ano e se mostra uma criança incluída e feliz. Quando a família foi questionada a respeito dos choros informou que em casa também aconteciam crises de choro, foi feito um trabalho conjunto com a família. Hoje raramente isto acontece.

Quanto ao atendimento especial, o aluno recebe na escola os atendimentos da psicóloga, da fonoaudióloga, fisioterapeuta, pediatra e lógico dos professores. Mensalmente realiza uma consulta em Passo Fundo com um ortopedista e um



neurologista. Usa no pé direito uma bota ortopédica. A escola oferece ao aluno atendimento educacional especializado na sala de recursos multifuncional no turno inverso, duas vezes por semana onde o aluno através de materiais variados e estratégias diferenciadas tenta amenizar suas dificuldades de aprendizagem e construir assim suas aprendizagens. O aluno gosta muito deste atendimento, só falta em casos de grande necessidade. Neste atendimento domina muito bem o computador, que nesta sala serve como ferramenta para ajudar no desenvolvimento da coordenação motora, atenção, discriminação visual, discriminação auditiva, bem como o desenvolvimento da leitura e do raciocínio lógico matemático.

Segundo Montoan (2003), ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais pela própria natureza e, assim sendo, a educação escolar não pode ser pensada e realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno, segundo suas capacidades, talentos e de um ensino participativo, solidário, acolhedor. Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças. Quanto à inclusão, esta questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceções, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. As escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades.

Quanto a capacidade de aprendizagem, ela ocorre de forma lenta, às vezes dá a impressão de que esquece aquilo que aprendeu. Sabemos, porém que cada criança tem seu ritmo, que todos aprendem, mas cada um tem seu tempo, em se tratando da criança com deficiência intelectual deve - se utilizar recursos e estratégias variadas para ajudar a criança a construir seu processo de aprendizagem. Aos poucos começa a conquistar sua autonomia intelectual, produz frases com algumas dificuldades, lê e começa aos poucos aprimorar seu raciocínio lógico.

Nas aulas de educação Física, participa de todas as atividades propostas quando sua limitação lhe permite, e quando necessário, as atividades são adaptadas



de acordo com suas necessidades. Nas observações ficou claro a sua preferência por pular corda. A professora relatou que no início ela ficava apreensiva, com medo que ele pudesse se machucar, porém demonstrou muita habilidade ao executar esta atividade. Participa das rodas cantadas, das brincadeiras de ovo choco, diabo – manco, enfim de todas as atividades, e os colegas sabem bem o momento de ajudá-lo. A turma realiza jogo de vôlei, sentados no chão, e adora estas atividades. Quando necessário, as atividades são adaptadas para que ele possa participar.

Na hora do futebol, no início ele ficava junto da professora olhando. Passado alguns dias ele manifestou a vontade de ser o goleiro de um dos times. A professora atendeu ao pedido do aluno. Hoje, participa de todos os jogos, como goleiro. Ele tem evoluído muito nesta atividade. Mesmo tendo mobilidade somente no braço esquerdo ele demonstra habilidade e faz boas defesas durante as partidas.

A questão do acolhimento na educação física é enfatizado por Polato e Ratier (2009) quando mencionam que, mais do que o movimento pelo movimento em si, o que importa realmente é conhecer e desenvolver as diversas manifestações corporais. Além do jogo (com suas estratégias práticas) e das atividades de relaxamento e alongamento dos músculos, é preciso ensinar a importância da afetividade, do trabalho em equipe e da convivência com diferentes pessoas do grupo.

A professora nos colocou que as atividades físicas que pratica estão auxiliando também em suas aprendizagens. O desenvolvimento da coordenação motora auxiliou na melhora da letra, ele desenvolveu a atenção, o equilíbrio, a noção de espaço, raciocínio lógico, aptidões essenciais na construção da leitura e da escrita, da construção e da noção de número e quantidades.

CONCLUSÃO

O aluno em estudo tem uma história positiva de inclusão no ensino regular, após algumas dificuldades o processo evoluiu devido a aspectos que devem ser evidenciados, como a atenção da escola em relação às dificuldades que iam se apresentando e o atendimento especial propiciado, mas principalmente o trabalho da professora que estuda a questão da inclusão e está em constante formação continuada, bem como a recepção dos colegas e o acolhimento recebido pelo aluno fortalecendo a sua capacidade de relacionar-se bem e superando o medo inicial.



Com relação a Educação Física, aluno a partir das atividades físicas melhorou consideravelmente na realização de outras atividades em sala de aula. Vem conquistando gradativamente sua autonomia e independência na realização de atividades que antes necessitava de auxílio para realiza-las, hoje consegue realizar quase que totalmente sem a intervenção dos colegas e da professora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988. 226 p.

BUENO, S. T.; RESA, J.A.Z. **Educacion Fisica para niños y niñas com necesidades educativas especiales**. Malaga : Ediciones Aljibe, 1995.

BRASL, **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física**, Brasília 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional**. 1996.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Cada um no seu Ritmo. **Guia Escolar Especial**. 2010.

CAVALCANTE, Meire. A Escola que é de todas as crianças, **Revista Nova Escola**, maio de 2005.

DUARTE, E WERNER, T. **Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências**. In: Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: ABT: UGF, 1995.

EDLER CARVALHO, R. **Temas em Educação Especial**. Rio de Janeiro: WVA Ed. 1998.

FERREIRA, Vanja Leila da Conceição. **Revista Nova Escola**, março de 2006

GAYA, Adroaldo, et al. **Ciência do Movimento Humano: Introdução a metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEVIN, Esteban. O corpo ajuda o aluno aprender. **Revista Nova Escola**, Janeiro/fevereiro, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – o que é? Por quê? Como Fazer?** Campinas, Unicamp, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Fala Mestre: Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. **Revista Nova Escola**, maio de 2005.

NEIRA, Marcos Garcia e NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Praticando Estudos Culturais Em Educação Física**. São Paulo: Yendis Editora, 2009 ISBN – 8577281299.



PANDA, M.D.J. **Diversidad Y Educación Física: Una Perspectiva Multicultural Para Os Currículos De Licenciatura.** 1ªed. Alemanha: Lap Lambert Academic Publishing GMBH &CO.KG. EAE-Editorial Académica Española, 2012. ISBN:978-3-8473-6837-3

PEDRINELLI, V. J. **Educação Física Adaptada: Conceituação e Terminologia.** In: **Educação Física e Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência.** Brasília: MEC-SEDES, SESI-DN, 1994.

POLATO, Amanda e RATIER, Rodrigo. As situações didáticas da Educação Física. **Revista Nova Escola** Edição Especial – As expectativas de aprendizagem e as melhores formas de trabalhar os conteúdos do 1º ao 5º anos. nº 23, maio de 2009.

REIS, Adriana. Diversidade Também se Aprende na Pré-Escola. **Revista Nova Escola**, maio de 2007.

SANTOMAURO, Beatriz. O que ensinar em Educação Física. **Revista Nova Escola** Edição Especial – As expectativas de aprendizagem e as melhores formas de trabalhar os conteúdos do 1º ao 5º anos. nº 23, maio de 2009.

SASSAKI, Romeu K. **Inclusão. Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro, Ed. WVA 1997.

VARGAS NETO. Francisco Xavier de. **A Criança e o Esporte: uma Perspectiva Lúdica.** Canoas: ed. Ulbra, 2011.

WERNER, D. **Guia de Deficiências e Reabilitação Simplificada.** Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, 1994.